

Seja bem vindo e relaxe em resort idealmente situado no Oceano Índico e no centro da cidade de Maputo
Parque privado de 10 hectares, 2 piscinas com bilhar, serviço de segurança 24 horas, centro de negócios, salão de cabeleireiro, loja africana, prática de fisioterapia
Rua Dom Joao Castro, 321 Maputo - Moçambique * Tels: 00258 21 492706/7 21 492806 * Fax: 00258 21 492704 * E-mail: miramarkayakwanga@tdm.co.mz



DN

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

Quinta-feira, 16 de Janeiro de 2025 - Edição nº5246

De Segunda à Sexta - Editor interino: Laurindos Macuácuca - cell:863695967
Propriedade: Media - Jornalistas Associados Limitada - GABINFO-Dispensa de Registo - DE-2003

Redacção e Administração: Rua Dom João Castro, 321 - Maputo - Moçambique
Telefone: 844719596 ou 875431598

E-mail: dndemoc@gmail.com

Assinaturas mensais: 700,00 MT (ordinária),
1.300,00 MT (institucional) e 1.750,00 MT (embaixadas e ONGs estrangeiras)



25 anos ao seu dispor - Tel: 21 492706/7
Rua Dom Joao Castro, 321 - Maputo
miramarkayakwanga@tdm.co.mz

EDITORIAL

Farra dos camaradas!

Numa cerimónia esvaziada de chefes de Estado e de Governo, Daniel Chapo tomou posse ontem como Presidente

da República. A cerimónia, dizia o comunicado governamental, deveria ter 2500 convidados, mas poucos deviam ser de alto escalão. Só os países desaver-

gonhados, África do Sul e a Guiné-Bissau, mandaram os respectivos chefes de Estado. De resto, a festa foi dos dita-



AMPLA REFORMA DO ESTADO CENTRADA NOS CIDADÃOS MOÇAMBICANOS

As promessas de Daniel Chapo...

(Maputo) O que dizem ser novo Presidente de Moçambique, Daniel Chapo, prometeu ontem lançar uma ampla reforma do Estado para reduzir o número de ministérios, criar novas entidades, fomentar a digitalização dos serviços públicos e combater a corrupção.

“A corrupção é uma doença que tem corroído o nosso povo, com funcionários públicos fantasmas, cartéis que enriquecem à custa do povo, e isto tem de acabar; não haverá lugar para quem coloca os seus interesses

acima dos interesses do povo moçambicano, seja no sector público, seja no privado”, disse o “Presidente”, no discurso de tomada de posse, feito ontem em Maputo, e no qual começou por fazer um minuto de silêncio pelas vítimas das catástrofes que têm assolado o país.

Na intervenção de quase 50 minutos, Daniel Chapo passou em revista variadas transformações que prometeu implementar enquanto líder do país, entre as quais estão a redução do número de ministérios, a valorização dos serviços públicos, a transformação do sistema educativo, a responsabilização dos funcionários públicos, a

criação de novas entidades na gestão da administração pública e a promessa de que, juntos, os moçambicanos “voltarão a ter orgulho em ser moçambicanos”.

“Vamos implementar mudanças importantes sobre como o Governo funciona, colocando o povo no centro das decisões”, prometeu, exemplificando que a redução do tamanho do Governo, “com menos ministérios e a eliminação das secretarias de Estado equiparadas a ministérios”, vai permitir uma poupança de 17 mil milhões de meticais por ano, “que serão direcionados para onde realmente importa: educação,



Publicidade

DN

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

**CARO EMPRESARIO E LEITOR
ANUNCIE SEUS SERVIÇOS E ASSINE O**

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

dores da Frelimo, dos abutres. Até o povo, que se diz que votou em Daniel Chapo, era exigido crachás para a dita posse. Nunca se viu evento literalmente esdrúxulo!

Além dos Presidentes Cyril Ramaphosa e Umaro Sissoco Embaló, estavam presentes três vice-Presidentes, nomeadamente da Tanzânia, Malawi e Quênia, bem como os primeiros-ministros de Essuatíni e do Ruanda e oito ministros, incluindo o ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros de Portugal, Paulo Rangel, que veio ver, in loco, a cara desavergonhada dos que comandam a antiga colónia.

A cerimônia de ontem ocorreu sob protestos e acusações de fraude e repressão. Foi a oficialização de um golpe de Estado, e cúmplices são os que também estiveram na farra ignorando o choro do povo moçambicano e zombando da memória de mais de 300 moçambicanos

que tombaram, baleados pela Polícia leal à Frelimo, durante as manifestações.

A Frelimo garante ter vencido as eleições de Outubro passado, mas nunca apresentou nenhum documento que a socorresse - apesar da pressão popular. Enquanto isso, a oposição obteve cópias verificadas por centros de monitoria e por órgãos de imprensa, que indicaram a vitória inequívoca de Venâncio Mondlane por ampla margem.

No evento tragicómico, viu-se e ouviu-se de tudo. De discursos vazios e demagogos até cusparada e apologia a ditadura. Mas o que predominou, sem dúvida alguma, foi o fisiologismo. Para tanto, a desfaçatez, a mentira e a traição foram os disfarces mais utilizados. Sem o menor pudor na utilização de falsos apegos ao povo, à família e a Moçambique.

Mas isso não significa que o fatídico evento deva ser esquecido. Apagado da nossa me-

mória. Pelo contrário, deveria, se possível fosse, ser repetido na propaganda Frelimista para que os moçambicanos que não assistiram o deprimente evento tivessem oportunidade de se envergonhar de quem está a dirigir os destinos do País.

Diante de tantos despropósitos verbais e comportamentais ficou uma certeza: o casuísmo passou a ser a principal marca da democracia moçambicana. Em Moçambique, o vencedor faz oposição e o perdedor governa.

E há partidos da oposição, como o Podemos, que se aliam ao partido usurpador como se fossem os arautos da probidade, da ética e da eficiência, coisas que sabidamente não representam, pois são tão ou mais suspeitos do que àqueles que hoje acusam. Mas como na política a traição tem efeito boomerang, o aliado de hoje pode se transformar no algoz de amanhã. Que o diga a Renamo! **(Laurindos Macuácuá)**

As promessas de Daniel Chapo...

saúde, agricultura, água, energia, estradas, e melhoria das condições de vida do povo”.

A eliminação da figura do vice-ministro e a reformulação dos cargos dos secretários de Estado e dos secretários permanentes, além da revisão do papel dos secretários de Estado nas províncias foram outras das promessas do novo chefe de Estado, que disse igualmente ir rever as regalias dos dirigentes públicos e o programa de privatizações do Estado.

“Estas mudanças incluem congelar a aquisição de viaturas protocolares para o Estado, para podermos adquirir ambulâncias e outras viaturas para servir o povo, e são medidas concretas que mostram que o Governo está disposto a apertar o cinto e liderar pelo exemplo”, salientou.

Moçambique, apontou,

“não pode continuar a ser refém da corrupção, do compadrio, da inércia, do clientelismo, do ‘amiguismo’, do nepotismo, do ‘lambe-botismo’, da incompetência e injustiça e dos vícios e dos desvios da boa conduta que é exigida aos serviços públicos”, afirmou, perante o aplauso generalizado da plateia que assistia ao discurso.

A digitalização dos serviços públicos e a criação de um Ministério dos Transportes e Logística, essencialmente dedicado aos caminhos-de-ferro e aos portos, bem como a criação de um Tribunal de Contas e de tribunais intermédios que agilizem os processos, a par de centros de arbitragem, foram outras das medidas apresentadas por Daniel Chapo no que diz respeito à reforma do Estado.

A “eleição” de Daniel Chapo tem sido contestada nas ruas desde Outubro, com manifestantes pró-Venâncio Mondlane -- candidato presidencial que, segundo o Conselho Constitucional, obteve apenas 24% dos votos, mas que reclama vitória -- a exigirem a “reposição da verdade eleitoral”, com barricadas, pilhagens e confrontos com a Polícia, que já provocaram mais de 300 mortos e mais de 600 pessoas feridas a tiro, segundo organizações da sociedade civil que acompanham o processo.

Venâncio Mondlane convocou três dias de paralisação e manifestações, desde segunda-feira, contestando a tomada de posse dos deputados eleitos à Assembleia da República e a investidura do novo Presidente da República. **(Redacção)**

Tiros e gás da polícia para afastar manifestantes

(Maputo) A Polícia recorreu a disparos e gás lacrimogéneo para desmobilizar um grupo de manifestantes que contestava, a cerca de 300 metros do local da investidura, no centro de Maputo, a posse do “Presidente da República”, Daniel Chapo.

Cerca das 12:00, um grupo de algumas dezenas de manifestantes, empunhando cartazes de apoio ao candidato presidencial Venâncio Mondlane, insistia em concentrar-se em frente ao Banco de Moçambique, bloqueados pela Polícia.

De seguida começaram a colocar pedras na via, precipitando a intervenção da Polícia, com recurso a vários tiros de metralhadora e lançamento de gás lacrimogéneo, que levou à debandada momentânea dos manifestantes, alguns perdidos ao longo do percurso por agentes da Unidade de Intervenção Rápida, numa altura em que decorria a cerimónia de investidura na contígua Praça da Independência.

Poucos minutos depois, o mesmo grupo voltou a concentrar-se no mesmo local, com bandeiras de Moçambique e repetindo o protesto. A intervenção da Polícia foi sentida no local da tomada de posse e no final da cerimónia, novos disparos, para desmobilizar grupos de manifestantes, foram ouvidos no centro da cidade, enquanto os convidados deixavam a Praça da Independência.

As Forças de Defesa e Segurança já tinham dispersado, à bastonada, outro grupo de dezenas de manifestantes que gritavam “Mondlane”, também a cerca de 300 metros do local onde o novo “Presidente” tomou posse, no centro da capital.

Dezenas de polícias, militares e equipas cinotécnicas impediam os manifestantes de se aproxima-

rem da Praça da Independência.

Os manifestantes, organizados em diferentes grupos, gritavam ainda “Salve Moçambique” e entoavam o hino moçambicano, afirmando que pretendiam assistir à tomada de posse, mas foram impedidos pela Polícia.

“Viemos aqui para assistir à tomada de posse do Presidente eleito pelo Conselho Constitucional. Quando chegamos aqui vimos que a Polícia está a barrar, que lá não podemos chegar. Que Presidente é esse que não deixa o seu povo, que o elegeu, ir aplaudir”, ironizou Francisco Daniel, um dos manifestantes, pouco antes da carga da Polícia, que afastou o grupo do local pelas ruas da baixa da cidade.

“Agora estamos a ter dois presidentes (...) Há um regime com o seu Presidente e há um Presidente do povo, Venâncio Mondlane”, acrescentou, enquanto era audível a cerimónia de posse que decorria em simultâneo, ao lado.

“Não nos deixam entrar, a Polícia de repente está nos a barrar”, explicou Edson Lissane, enquanto se manifestavam junto à entrada para o local da posse de Daniel Chapo, retorquindo de seguida: “Estamos a gritar por Venâncio, Venâncio é o nosso Presidente”.

Enquanto um helicóptero da Polícia sobrevoava a baixa altitude o local, e a Polícia recebia reforços para conter estes grupos de manifestantes, alguns com cartazes com a cara de Venâncio Mondlane, Ilídio Armindo justificava o protesto: “Estamos aqui para reivindicar todos os direitos que são extraídos pelo Governo no poder. Nós queremos que haja mudança, que tudo isto venha a ser a favor de toda a população moçambicana”.

A capital moçambicana estava ontem sob fortes medidas de segurança e já tinha havido outras

intervensões da Polícia para dispersar, com tiros, manifestantes em protesto que incendiaram pneus na estrada, à entrada do centro de Maputo, pouco antes da cerimónia de investidura de Daniel Chapo.

Na zona do Bairro Luís Cabral, grupos de jovens começaram a incendiar pneus cerca das 09:00, cortando a N4, que liga a Matola à entrada de Maputo, levando a Polícia a fazer vários disparos na tentativa de os desmobilizar.

Daniel Chapo foi investido ontem como quinto “Presidente da República de Moçambique”, o primeiro nascido já depois da independência do país, numa cerimónia com cerca de 2.500 convidados.

Em 23 de Dezembro, Chapo, 48 anos, foi proclamado pelo Conselho Constitucional (CC) como vencedor da eleição a Presidente da República, com 65,17% dos votos, nas eleições gerais de 09 de Outubro, que incluíram legislativas e para assembleias provinciais, que a Frelimo também venceu.

O candidato presidencial Venâncio Mondlane, que não reconhece os resultados eleitorais, convocou três dias de paralisação e manifestações, desde segunda-feira, contestando a tomada de posse dos deputados eleitos à Assembleia da República e a investidura do novo Presidente da República.

A eleição de Daniel Chapo tem sido contestada nas ruas desde Outubro, com manifestantes pró-Mondlane - que segundo o CC obteve apenas 24% dos votos mas que reclama vitória - a exigirem a “reposição da verdade eleitoral”, com barricadas, pilhagens e confrontos com a Polícia, que já provocaram mais de 300 mortos e mais de 600 pessoas feridas a tiro, segundo organizações da sociedade civil que acompanham o processo. (Redacção)

Pelo menos 303 mortos e 619 baleados

(Maputo) Pelo menos 303 pessoas morreram e 619 foram feridas a tiro nas manifestações pós-eleitorais em Moçambique desde 21 de Outubro, segundo um novo balanço divulgado ontem pela plataforma eleitoral Decide.

De acordo com o balanço daquela Organização Não-Governamental (ONG) moçambicana que monitoriza os processos eleitorais, há ainda registo de pelo menos 4.228 detidos nestas manifestações, convocadas pelo candidato presidencial Venâncio Mondlane, que não reconhece os resultados das eleições gerais de 09 de Outubro.

A Polícia recorreu ontem a disparos e gás lacrimogéneo para desmobilizar um grupo de manifestantes que contestava, a cerca de 300 metros do local da investidura, no centro de Maputo, a posse do “Presidente da República”, Daniel Chapo.

Cerca das 12:00, um grupo

de algumas dezenas de manifestantes, empunhando cartazes de apoio ao candidato presidencial Venâncio Mondlane, insistia em concentrar-se em frente ao Banco de Moçambique, bloqueados pela Polícia.

De seguida, os manifestantes começaram a colocar pedras na via, precipitando a intervenção da Polícia, com recurso a vários tiros de metralhadora e lançamento de gás lacrimogéneo, que levou à debandada momentânea dos manifestantes, alguns perdidos ao longo do percurso por agentes da Unidade de Intervenção Rápida, numa altura em que decorria a cerimónia de investidura na contígua Praça da Independência.

Poucos minutos depois, o mesmo grupo voltou a concentrar-se no mesmo local, com bandeiras de Moçambique e repetindo o protesto.

As Forças de Defesa e Segurança já tinham dispersado,

à bastonada, outro grupo de dezenas de manifestantes que gritavam “Mondlane”, também a cerca de 300 metros do local onde o novo “Presidente” tomou posse, no centro da capital.

Dezenas de polícias, militares e equipas cinotécnicas impediam os manifestantes de se aproximarem da Praça da Independência.

Os manifestantes, organizados em diferentes grupos, gritavam ainda “Salve Moçambique” e entoavam o hino moçambicano, afirmando que pretendiam assistir à tomada de posse, mas foram impedidos pela Polícia.

A capital moçambicana esteve ontem sob fortes medidas de segurança e já tinha havido outras intervenções da Polícia para dispersar, com tiros, manifestantes em protesto que incendiaram pneus na estrada, à entrada do centro de Maputo, pouco antes da cerimónia de investidura de Daniel Chapo. **(Redacção)**

HÁ MOÇAMBICANOS PRATICANDO MINERAÇÃO ILEGAL NAQUELE PAÍS

Pelo menos 78 mortos retirados de mina de ouro na África do Sul

(Maputo) Equipas de salvamento ajudadas por voluntários retiraram, em três dias, 78 mortos e 166 mineiros com vida de uma mina de ouro abandonada em Stilfontein, na África do Sul, onde centenas permanecem presos, anunciaram esta quarta-feira autoridades locais.

Os mineiros ilegais estão presos há pelo menos dois meses e o Governo sul-africano tem sido criticado por ter tentado expulsá-los com fumo e cortando o acesso a alimentos, água e medicamentos. Por isso, acredita-se que o número de mortos vá ainda

umentar.

O resgate começou segunda-feira, por ordem judicial, mas a equipa de salvamento responsável pelo mesmo não desce o poço alegando “motivos de segurança”.

Assim, o processo tem sido feito por voluntários e espera-se que dure dez dias porque cabem poucas pessoas de cada vez na jaula de resgate e porque o poço é muito profundo.

Grupos cívicos afirmam que as autoridades removeram as cordas e os sistemas de roldanas que os mineiros usavam

para entrar e sair de pelo menos um dos poços da mina e enviar mantimentos, mas as autoridades sul-africanas argumentaram que os mineiros sempre puderam sair por outro poço da mina, uma das mais profundas deste país rico em minerais.

Todavia, os activistas afirmam que isso implicaria uma perigosa caminhada subterrânea que poderia levar dias, e que muitos estariam demasiado fracos ou doentes após meses debaixo de terra para o poderem fazer.

A Polícia, por sua vez, diz

⇒

que alguns mineiros se recusaram a sair.

A mina, que fica a cerca de 150 quilómetros de Joanesburgo, tem 2,5 quilómetros de profundidade, com vários poços, muitos níveis e um labirinto de túneis.

Um grupo que representa os mineiros disse que há grupos em várias partes da mina e estimou que mais de 500 pessoas estavam no subsolo quando o resgate começou. Não se sabe exactamente há quanto tempo estão debaixo da terra, mas os familiares dizem que alguns deles estão lá desde Julho.

Segundo a Polícia, foram presos todos os mineiros ilegais que saíram antes e durante a operação de resgate e que serão acusados de mineração ilegal e invasão de propriedade.

Foi apreendido ouro, explosivos, armas de fogo e mais de dois milhões de dólares em dinheiro dos mineiros.

Um dos grupos cívicos que

representam os mineiros divulgou dois vídeos durante o fim-de-semana, mostrando o que diz serem as terríveis condições no subsolo.

Neles, podem ser vistos dezenas do que parecem ser cadáveres alinhados numa caverna escura e embrulhados em plástico. Mostram também mineiros sem camisa e de aspecto macilento, enquanto quem filma diz que estão a morrer e implora às autoridades que lhes enviem comida e os tirem dali.

A exploração mineira ilegal é uma prática comum na África do Sul, com mineiros, por vezes menores de idade, a trabalhar em minas desactivadas e abandonadas, principalmente na área da cidade de Joanesburgo e arredores.

O Presidente sul-africano, Cyril Ramaphosa, classificou os ‘zama zamas’ (“aqueles que tentam” em zulu), como são chamados os mineiros ilegais,

muitas vezes estrangeiros, incluindo moçambicanos, como “uma ameaça” à economia e à segurança.

Além dos riscos envolvidos, a exploração mineira ilegal afeta a economia sul-africana e resulta em enormes perdas de receitas, estimadas em cerca de mil milhões de dólares tanto para o Governo como para a indústria mineira do país.

As autoridades estimam que cerca de 14.000 mineiros ilegais, principalmente de Moçambique, Zimbabwe e Lesoto, já tenham sido detidos, em sete províncias do país, desde Dezembro de 2023 e que existam 6.000 minas abandonadas por todo o território.

Em 17 de Dezembro, as autoridades sul-africanas anunciaram o repatriamento de 27 moçambicanos menores de idade, sem documentos, para o país, sendo que alguns tinham sido resgatados das minas de exploração ilegal em Stilfontein. **(Redacção)**

APESAR DE ACREDITAR QUE NÃO SERÁ PRECISO

Portugal disposto a ajudar na mediação em Moçambique

(Maputo) O ministro português dos Negócios Estrangeiros, Paulo Rangel, disse ontem em Maputo que Portugal está disponível para apoiar a mediar a crise pós-eleitoral em Moçambique, mas acredita que tal não será necessário.

“Eu acho que o processo pode até dispensar essas ajudas, ou pelo menos uma mediação formal, porque todas as partes me parecem, sinceramente, por aquilo que eu posso testemunhar, especialmente agora já cá, mas antes disso também, por contactos que tinha vindo a fazer, que há uma vontade, realmente, de fazer desta crise uma oportunidade. E isso é uma coisa que nos deixa, como eu usei a palavra hoje de manhã, esperança”, disse Rangel.

Em declarações aos jornalistas, após a cerimónia de investidura

de Daniel Chapo como quinto Presidente de Moçambique, marcada por novos confrontos entre a Polícia e apoiantes do candidato presidencial Venâncio Mondlane, que não reconhece os resultados eleitorais, Paulo Rangel reconheceu que Portugal tem, pelos “laços afectivos históricos, culturais profundos”, uma “posição especial”.

“Nós temos, obviamente, um papel de ajuda. A União Europeia tem tido, exactamente, grande sintonia com as posições de Portugal. Basta verem, os comunicados que têm sido emitidos estão exactamente todos na mesma linha e nós aí, obviamente, é um interlocutor também importante. A CPLP [Comunidade de Países de Língua Portuguesa] também pode ter o seu papel”, afirmou Rangel.

O chefe da diplomacia portuguesa confirmou igualmente que tem previsto um encontro com Venâncio Mondlane, que tem convocado sucessivas paralisações e manifestações contra os resultados das eleições gerais de 09 de Outubro, durante a estadia em Maputo.

“Também falaremos com ele, com certeza, isso está previsto. Está previsto falar com todos e, portanto, com certeza que a predisposição de Portugal é sempre ajudar. Nós não podemos substituir-nos, obviamente, de maneira nenhuma, não queremos interferir na soberania de Moçambique, mas achamos que há aqui uma oportunidade para se criar uma agenda de consenso, de reformas por um lado institucionais e por outro lado com certeza económicas e sociais”, disse. **(Redacção)**